

AVISOS AGRÍCOLAS

ESTAÇÃO DE AVISOS DO DÃO

POMÓIDEAS (macieira/pereira)

Formas hibernantes de aranhaço vermelho, cochonilha de S. José e afídeos

O aranhaço vermelho (*Panonychus ulmi*) hiberna no estado de ovo, preferencialmente em madeira de dois ou mais anos, junto da inserção de gomos florais, esporões, fendas e, em geral, nas zonas que apresentam rugosidade ou pequenas gretas. A eclosão dos ovos ocorre desde finais de março até princípios de maio, dando origem às larvas, começando de imediato a alimentar-se de folhagem jovem. A cochonilha de S. José passa o Inverno, essencialmente, no estado de ninfa e de fêmea adulta, em locais muito semelhantes aos do aranhaço vermelho. Apenas as ninfas têm forma móvel, pelo que é importante determinar o momento de reinício de atividade, para evitar a sua dispersão.

Por sua vez, os afídeos (piolho cinzento - *Dysaphis plantaginea* e piolho verde - *Aphis pomi*), hibernam na forma de ovo e eclodem na altura do abrolhamento.

| LOCALIZAÇÃO | Horas de Frio acumuladas até 24 de fevereiro |
|--------------------|--|
| Gouveia (Nabais) | 717 |
| Gouveia (Vinhó) | 715 |
| Nelas | 426 |
| Penalva do Castelo | 600 |
| Tondela | 381 |
| Viseu | 739 |

Para controlar as populações destes inimigos, antes da sua eclosão, recomenda-se a aplicação de óleo parafínico o mais próximo possível do abrolhamento. Esta substância ativa, forma uma película sobre os insetos, provocando a sua morte por asfixia. Para o correto uso deste produto, deve ter em consideração os seguintes aspetos:

- Temperaturas diurnas acima dos 5°C;
- Não aplicar em caso de geadas ou precipitação;
- Não misturar com produtos com substâncias ativas de ditianão, captana, enxofre ou zirame;
- Aguardar um intervalo de 15 dias para aplicação das substâncias ativas anteriormente mencionadas ou para repetição de aplicação de óleo parafínico

ESTAÇÃO DE AVISOS DO DÃO

Estação Agrária de Viseu | Av. Prof. Reinaldo Cardoso Quinta do Fontelo 3504-504 VISEU | Tel. 232 467 220 | E-mail: eadao@drapc.gov.pt

PRUNÓIDEAS (pessegueiro/cerejeira/outras)

Lepra do pessegueiro

Doença frequente na região, provocando normalmente elevados estragos, sendo a fase de maior suscetibilidade o início do desenvolvimento do botão floral, associado a períodos de tempo frio e húmido. O fungo (*Taphrina deformans*) sobrevive por meio de micélio, nos ramos e rebentos, ou esporos que permanecem na planta. Assim, a oportunidade do tratamento é fundamental para o controlo da doença e para a redução dos custos da proteção das plantas. A altura ótima é quando se verifica o aparecimento das pontas verdes ou avermelhadas dos gomos.

Recomendamos que à medida que as diferentes variedades atingirem esta fase fenológica, efetuar tratamento, utilizando um produto à base de cobre.

Caso se verifique necessário, pode renovar o tratamento na fase pré-floral, com produto orgânico autorizado.

OLIVAL

Olho-de-pavão

O desenvolvimento deste fungo é condicionado por vários fatores tais como, humidade, temperatura, precipitação e práticas culturais. A intensa desfoliação das árvores é o resultado mais preocupante do ataque desta doença por provocar um desequilíbrio hormonal e nutricional, com repercussões na diferenciação floral, no vigor vegetativo e consequente diminuição da produção, enfraquecimento e declínio da árvore. Dada a importância da humidade no desenvolvimento do olho de pavão, dever-se-á optar por formas de condução que facilitem o arejamento e a exposição à luz solar, evitando a concentração de humidade no interior da copa.

Recordamos que a oliveira é muito sensível ao frio e à geada. Assim, a poda e a retirada de ramos secos/doentes só devem ter lugar em finais de fevereiro-início de março, e de preferência com tempo seco. Aconselha-se depois da poda, realizar um tratamento preventivo com um produto à base de cobre.

CITRINOS (laranjeira/tangerineira/limoeiro)

Gomose basal/Gomose parasitária

Como medidas preventivas, recomenda-se:

- Afastar as águas superficiais de escoamento e de rega do colo do tronco das árvores (não abrir caldeiras e desfazer as que existam; abrir regos na entrelinha, fazendo a água de rega e de escoamento circular apenas por aí, longe dos troncos);
- Manter uma boa drenagem do solo;
- Proceder à limpeza das ervas nos pomares, sobretudo junto do colo das árvores, reduzindo a concentração de humidade;
- Cortar os ramos inferiores da copa a 50 cm do chão, por ser nestes que a doença incide mais facilmente;
- Desinfetar as lesões, de poda ou acidentais, nos ramos e tronco.

As árvores muito enfraquecidas devem ser arrancadas. Se mais de metade da copa estiver ainda sã, podem ser adotadas algumas medidas paliativas para adiar a morte da árvore:

- Fazer uma limpeza profunda das feridas, retirando todo o tecido morto e de seguida, aplicar um fungicida, por pulverização ou pincelagem. Neste caso, deve ser feita simultaneamente uma poda ligeira.

As plantas arrancadas, ramos cortados e outros restos destas operações, devem ser queimados. Se a lenha for para consumo doméstico, deve ser guardada ao abrigo da chuva e do vento.

VINHA

Escoriose

As infeções de escoriose americana (*Phomopsis* sp.), ocorrem logo na fase inicial do desenvolvimento vegetativo (entre os estados fenológicos D – Saída das Folhas e E – Folhas Livres), sendo potenciadas por condições meteorológicas favoráveis (precipitação e temperaturas amenas). Tenha em atenção às castas mais precoces, já que o inóculo deste fungo, encontra-se nas partes lenhosas da videira infetadas no ano anterior.

Assim sendo, recomenda-se a adoção de uma das seguintes estratégias:

Estratégia 1: um único tratamento, quando 30 a 40% dos gomos estiverem no estado fenológico D – Saída das Folhas.

Estratégia 2: realização de dois tratamentos, o primeiro no estado fenológico D, e o segundo quando 30 a 40% dos gomos estiverem no estado fenológico E – Folhas Livres.

Controlo de infestantes

A estratégia de controlo às infestantes nas culturas da Vinha, Olival, Pomóideas e Prunóideas ao nível da região, pode passar pela mobilização convencional, a não mobilização do solo; cobertura vegetal (semeado ou espontâneo) e aplicação de herbicida.

A mobilização convencional para controlo das infestantes, é frequente na região, no entanto, apresenta inconvenientes para o solo, tais como: erosão hídrica e eólica, degradação da estrutura do solo, redução da matéria orgânica e da infiltração de água no solo, entre outros.

Por sua vez, a cobertura vegetal natural ou semeada, é recomendada, já que promove a melhoria do solo, nomeadamente no aumento do teor da matéria orgânica, na capacidade da retenção da água no solo, no aumento da biodiversidade, na redução da lixiviação dos nutrientes, etc. Um solo coberto com vegetação baixa as amplitudes térmicas são menores, comparativamente com um solo mobilizado ou coberto por vegetação alta e que promove a redução da intensidade de formação de geada.

Quando tenha de recorrer à aplicação de herbicidas, deverá ter em atenção a seleção do herbicida a utilizar, destacando-se o tipo de infestantes, o tipo de solo, a idade e a espécie da cultura instalada, devendo escolher o herbicida menos tóxico para o homem e para o ambiente.

Caso pretenda utilizar o método de confusão sexual, deve adquirir e instalar difusores no seu pomar/vinha, para controlo da população de bichado-da-fruta (*Cydia pomonella*) e de traça-da-uva (*Lobesia botrana*).

Chama-se à atenção, que os difusores devem ser colocados antes do início do voo, pelo que, esteja atento aos próximos avisos.

No caso a sua vinha esteja consociada com oliveiras, deve colocar um maior número de difusores, já que a oliveira é hospedeira secundário da traça-da-uva.